

O Ponto de Euclides

FLÁVIO ULHOA COELHO

Quando eu lhe disse, naquela já longínqua noite de sexta-feira, e naquele bar da moda, que já tínhamos nos encontrado em algum lugar, senti o seu sorriso irônico frente àquela supostamente mal feita cantada. Mas não era uma cantada, não era, eu realmente quis dizer aquilo e, quem diria, deu certo, cantada ou não, passamos a noite inteira juntos.

E agora, tantas sextas-feiras depois, quando conseguimos nos olhar frente a frente sabemos que estamos nos enganando nesta cidade, neste apartamento, ficando surdos com o constante barulho dos automóveis passando à altura de nossos ouvidos. Mas naquele dia, tanto tempo já, você ainda tentou acompanhar a minha suposta cantada, estávamos muito animados naquela noite. Você, imaginando então nossas vidas passadas, concordou que sim, que já tínhamos nos encontrado antes, sim, *éramos príncipe e princesa vivendo em um castelo no vale do Loire*, você provocou com este seu sorrizinho, *ou talvez fôssemos dois camponeses chineses, é uma possibilidade mais real*, eu emendei esticando a brincadeira em uma direção diferente da planejada... *seguramente mais real, mas quem gostaria de se imaginar como mais um camponês chinês?*, você emendou irônica sorvendo sua margarita. *Questão de probabilidade, querida*, pensei, mas por que estragar nossos sonhos mais profundos? Concedi afinal com o meio-termo de burgueses meio ricos e esnobes vivendo no início do século passado em Nova York.

Talvez fôssemos duas amebas, você propôs, ainda descontente com as minhas propostas, *dois esquilos na selva amazônica* e, sei lá por que o meu pensamento nesta hora se desviou da conversa, imaginar dois esquilos na selva amazônica, quem diria, já tínhamos bebido demais! Pelo que me lembro, a noite acabou de forma desastrosa, ainda bem que estávamos tão bêbados que nunca nos lembramos direito o que aconteceu. Felizmente decidimos, uma semana depois, nos darmos uma nova chance e cá estamos nós dois discutindo inúmeras teorias sobre o cotidiano e sobre o caos, assistindo TV e nos enganando nesta cidade maluca.

Mas o que eu nunca contei a você nestes anos todos de convivência foi o que eu realmente quis dizer em minha

suposta cantada daquela primeira noite. E agora parece tarde para tudo isto, irremediavelmente tarde, nossas teorias malucas já não nos divertem tanto quanto antigamente, mas vá lá, conto assim mesmo. Sim, já estivemos juntos em outro momento, e não menciono nenhuma real possibilidade de termos roçado nossos ombros em uma destas tantas multidões desta cidade maluca, não. Mas sim, porque, se é que houve de fato o tal do tão falado Big Bang, aquela explosão de onde tudo se criou, naquele momento inicial estávamos todos juntos, você, eu, nosso amor, nossas mal dormidas noites, nosso ultimamente sexo apressado, nossas mágoas mútuas, os carros passando à altura de nossos ouvidos, o bar da esquina, aliás todos os bares de todas as esquinas desta cidade, que esquina é o que não falta nela, todos e tudo juntos e espremidos naquele apertado caldo primordial. Caldo é modo de dizer, querida, era aquele algo indefinido e confuso que ninguém explica direito, estava mais para um mero ponto, lembra? Um ponto ínfimo onde, espremidos, estávamos juntos tudo o que se conhece ou que ainda iremos conhecer: você, eu, este conto, nosso neto que nem nascerá por falta de pais, tudo, sem exceção. E ele e ela também, espremidos que estavam entre nós dois naquele caldo primordial, incomodando-nos e antecipando de certa maneira os problemas que iriam florescer em nosso convívio neste pequeno apartamento de trinta metros quadrados. Problemas que, a bem da verdade, também deveriam estar lá conosco naquele momento, se é que esta tal teoria do Big Bang não é também um delírio de conversa de bar num final de noite de sexta-feira.

Quando você, ano passado, aproveitando-se de que eu tinha viajado, resolveu remexer as minhas gavetas e de lá tirou todas as suas conclusões, nosso destino já tinha se selado. As gavetas, as cartas, as conclusões e tudo o mais que se seguiu, as lágrimas, os gritos, a injustiça, a usual chantagem emocional, já estava tudo lá nos primórdios, no tal caldo, naquela primeira vez que nos encontramos e que depois, naquela confusão toda que se seguiu ao Big Bang, nos separamos e eu lhe perdi de vista. E voltaríamos a nos



encontrar tanto tempo depois, naquele bar, naquela sexta, se é que já não tínhamos nos encontrado antes, quem sabe como pingüins no Pólo Norte (pingüins no Pólo Norte, que idéia!).

Se é que faz algum sentido esta tal teoria de Big Bang, ele também estava lá, junto a nós. A propósito, você se lembra se pelo menos trocamos algum olhar naquela expansão toda? Foi tudo tão rápido e barulhento, pelo que me lembro, e não me lembro tão bem assim, tanto tempo já, mas acho até que na correria toda nem tivemos a oportunidade de nos olharmos direito, estávamos todos muito preocupados onde iríamos parar afinal, parecia até uma mudança decidida de última hora, aquela expansão toda que ainda segue, e segue pelo que me consta... Mas assim como ela estava lá, ele também nos acompanhou naqueles primórdios, ele com quem você iria se encontrar em seu *flat* perto da Paulista só para se vingar de mim, vingança boba, querida, estamos nos enganando nesta cidade.

Poeticamente muito mais interessante do que qualquer outra, esta teoria da explosão inicial a partir de um quase nada, ela me permite imaginar tudo que hoje vejo ao meu redor espremido em um incômodo, promíscuo e apertadíssimo ponto. Como seria possível então separar a sua raiva e a sua decepção da minha insegurança, sua mágoa de minhas manias, as cartas de sua vingança, tão grudadas elas estavam naquele momento? Como me separar de você e dela? Como imaginar seus pensamentos longes dos meus, em qual momento da expansão nos separamos afinal de forma definitiva? Nos separamos sim e, sim, de forma definitiva, isto é incontestável.

E agora você, deitada com sua cabeça no meu colo, parece sonhar enquanto eu lhe cafuneio um pouco, meus dedos de uma mão se enroscando em seus longos cabelos tingidos de castanho enquanto que a outra mão me serve automaticamente um sanduíche de queijo. E eu tento entender o porquê desta história toda, parece loucura imaginar tudo isto, coisas, pessoas e sentimentos espremidos em um ponto, que por definição é indivisível, como se coubesse

tudo lá, como se fosse possível nos imaginarmos dividindo nossos sonhos e cabelos tingidos com nossas decepções e ciúmes à espera de uma explosão. Fico imaginando que foi naquele momento de separação que tudo foi decidido, nosso futuro, nossa conversa naquele bar naquela sexta-feira, a sua ironia cotidiana comigo, a pior das mortes, a televisão que irá lhe irradiar um câncer definitivo tanto que você a vê, tudo lá!

No outro dia, li no jornal que uns japoneses, sempre eles, tinham inventado uma pecinha (que, na foto, se perdia no dedo indicador de uma japonesa sorridente) onde se poderia colocar não sei quantos sigazetabytes de informação. O otimista e empolgado apresentador anunciava que logo seria possível armazenar toda a informação que o mundo contém em uma pecinha daquela. Imagina você? Toda a informação do mundo concentrada... só de pensar, dá para perder o rumo. Que tal então se armazenássemos lá todos os nossos sentimentos, nossos fantasmas, nossas esperanças e inseguranças e tudo o mais que temos de nós? Os carros, o apartamento, a surdez crescente, a irradiação que trará o câncer, tudo... ele, ela, as gavetas, minhas viagens, o rancor, minha insegurança, as malditas cartas e o *flat* na Paulista. E talvez, com isto, poderíamos então, seguros de que tudo isto estaria finalmente a são e salvo e, principalmente, distantes, voltarmos a sermos o que deveríamos ter sido desde o início. Estaríamos voltando aos primórdios, tudo concentrado em um ponto e talvez, neste dia, voltaríamos a nos encontrar de novo, uma nova expansão, o tal Universo em expansão... e quem sabe até nos entendermos afinal.

Ah! Os japoneses e suas pecinhas maravilhosas também estavam lá com a gente no começo de tudo... Haja espaço naquele ponto!

FLÁVIO ULHOA COELHO é professor titular do IME-USP e escritor. Publicou os livros de contos: *Contos que conto* (1991) *Ledos enganos, meras referências* (1996) e *Gambiarra e outros paliativos emocionais* (2007)